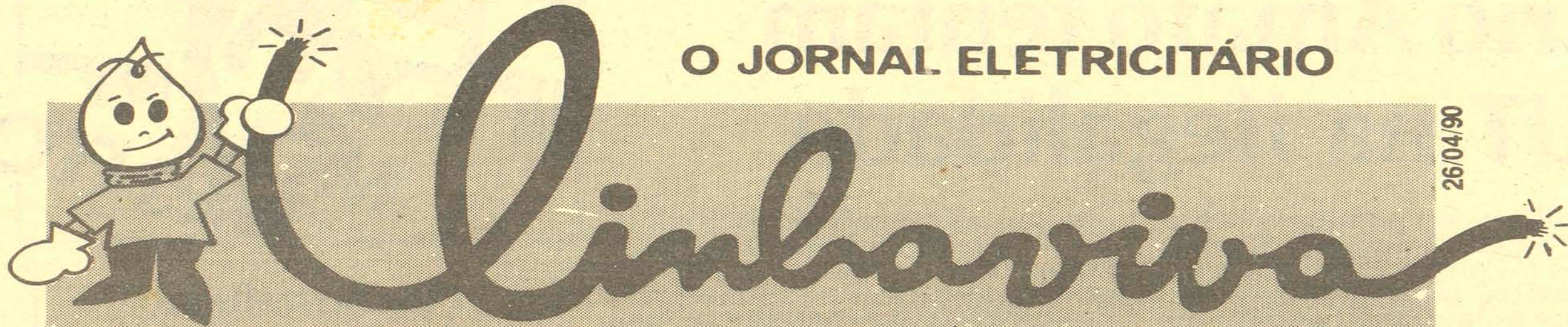




Intersindical Eletricitários SC

JORN. RESP. DRT/RS 6166

Nº 94

26/04/90

CELESC não avança na proposta e rola decisão para 2 de maio

Pela primeira vez em três anos a Intersindical esteve frente a frente com o presidente da CELESC. A reunião com Marcos Wehmuth ocorreu na quinta-feira passada, dia 19, quando os sindicatos foram cobrar uma posição da Empresa sobre as reivindicações dos eletricitários.

Mas a reunião não rendeu os frutos desejados. A Empresa reafirmou sua posição de oferecer uma antecipação de cerca de 32% (10% em abril mais 20% em maio) em troca da retirada das ações das produtividades 84 e 88. A Intersindical foi clara ao afirmar que não há cabimento em trocar uma antecipação que é menos da metade da inflação de março (84,32%) por ações referentes a um direito inegável.



Três anos depois uma reunião, mas sem solução

Se for considerado o tamanho da defasagem salarial dos celesquianos, não há sentido discutir a retirada das ações sem uma discussão muito séria sobre os 84,32% que o Plano Collor fez sumir dos salários.

Por seu lado, a Empresa argumentou dificuldades políticas para avançar na sua propos-

ta. O presidente, no entanto, se comprometeu em analisar os argumentos da Intersindical e rediscutir o assunto em reunião que deveria ter ocorrido segunda-feira dia 24. Dizendo que ainda não dispunha de dados sobre a situação da Empresa, Wehmuth transferiu a reunião para o dia 2 de maio.

A posição da Intersin-

dical será reafirmada na próxima reunião, com a intenção de defender os salários violentamente defasados. Comparados com os salários de outubro (data-base) os salários estão comprando apenas 38,75% do que conseguiam naquela data. Para recompor o poder de compra é necessário um reajuste de 158,05% no salário de abril.

Justiça reconhece inflação de março

Em abril, os trabalhadores sofreram uma das maiores perdas de poder aquisitivo que se tem notícia. O Plano Collor retirou dos salários nada menos que 84,32% — IPC de março. No dia 19 de abril o TRT de Minas Gerais, concedeu pela primeira vez no Brasil uma decisão favorável a reposição da inflação de março a jornalistas da TV Globo.

Por essas e outras que um dos principais pontos da reunião do Comando Nacional dos Eletricitários, no dia 30, é a luta pela reposição das perdas salariais.

Intersindical ELETROSUL discute salários

No dia 26, a Intersindical ELETROSUL vai estar reunida com o presidente da Empresa. O principal ponto a ser tratado na reunião são as dúvidas da categoria com relação aos salários. Também a perda da inflação de março, o atraso no recolhimento do FGTS e da contribuição da ELOS serão discutidos nesta reunião com Fernando Bastos.

Comando Nacional chama campanha extra em maio

O Comando Nacional dos Eletricitários, reunido no dia 17 em Brasília, definiu quais questões devem ser encaminhadas à curtíssimo prazo, diante da conjuntura pós Plano Collor. A Campanha Salarial de emergência em maio, abre a lista das questões. Para encaminhá-la, cada Sindicato ou Intersindical deve tirar uma pauta de reivindicações, que será levada à reunião do Comando Nacional Ampliado, no dia 30 de maio, em Brasília. Neste dia, as pautas serão unificadas e será marcado um dia para a entregá-la ao governo, empresas e fórum de negociação. Ainda no dia 30, o Comando vai definir a organização do III ENEL.

DESCUMPRIMENTOS

Na lista das questões a serem resolvidas à curtíssimo prazo tam-

bém estão as ações judiciais. Todo Sindicato deve encaminhar judicialmente os descumprimentos de acordos. De 25 a 27 de maio será realizado um Seminário Nacional sobre o modelo e o papel estratégico do setor Elétrico, que vai elaborar um projeto alternativo para o setor. Com vistas a elaboração deste projeto o Comando decidiu: incentivar alternativas regionais que visem aprofundar o tema, promover o intercâmbio de propostas e a divulgação das mesmas, possibilitando um amplo debate nas bases. As propostas devem ser encaminhadas, até o dia 15, à Comissão do Seminário, que se encarregará da divulgação a nível nacional. Serão também convidados representantes dos diversos segmentos da sociedade para os debates nos painéis do seminário.

Sindicato é cultura

Com o objetivo de despertar, promover e estimular um melhor intercâmbio cultural (empregados da Celesc, Eletrosul e Comunidade), o SINERGIA está criando um grupo para estudo e viabilização de projetos culturais. Os interessados poderão entrar em contato com Sandra Ouriques na CELESC (22-3913 ramal 40 ou 371) ou com Dino 22-3866, no Sindicato.

Greve Geral: Plenário das estatais referenda posição da CUT

A Plenária dos servidores públicos e empregados em Estatais também referendou a posição tirada pela direção nacional da CUT. Ou seja, a Plenária decidiu construir um processo de esclarecimento e conscientização junto ao movimento sindical e popular, quanto aos nefastos efeitos do Plano Collor, e dentro desse processo encaminhar a realização de uma greve geral.

Na Plenária do dia 18, ainda ficou definido que será feito um amplo movimento de esclarecimento sobre: privatizações, extinções, o marketing que envolve o presidente e as consequências dolorosas do pacote. As 67 entidades que participaram da Plenária concluíram que a propaganda que envolve Collor de Mello acaba desviando a atenção sobre a gravidade da atual situação.

ESCLARECENDO

Na Campanha de esclarecimento serão divulgadas informações, como a declaração do presidente da CSN. Ele assumiu a missão de em um ano sanear a Empresa e privatizá-la.

A CSN, como a maioria das estatais, está desde 76 assumindo empréstimos no exterior para repasse ao governo. Sua dívida ainda foi aumentada com a venda do aço a preços subsidiados. Agora, com o processo de privatizações criminosas, será possível devolver a dívida para o governo e colocar o preço do aço nos patamares do mercado internacional. É assim que Roberto Lima Neto pretende sanear a CSN para depois entregá-la ao setor privado.

Ainda na pauta dos esclarecimentos, constam as extinções irresponsáveis. Cerca de 2.500 trabalhadores serão demitidos neste mês com a extinção da filial da CSN de Curitiba e do Lavador de Capivari. Tanto desemprego, em localidades que se organizaram a partir dessas empresas, representam um desastre social e no mínimo um descaso para com os "descamisados" e "pés descalços".



Passado ou futuro?

Arno Veiga Cugnier
Diretor do SINERGIA

Estamos diante de um Presidente que, a grosso modo, nos quis dizer: "não sou de direita nem de esquerda, eu sou de macho". Seria cômico, mas é dramático.

O seu projeto particular de Governo se inicia, basicamente, por um Plano de Estabilização Econômica recessivo, com um acentuado ajuste do patrimônio estatal (privatização). O plano inviabiliza a recuperação das perdas da inflação de março, além de possibilitar demissões em massa.

Contudo, o que percebemos é a concretização de um projeto neo-liberal, onde a liberdade que tanto necessitamos continua sendo privilégio de uma reduzida confraria. Ou seja, os arranques impetuosos do Presidente estão a serviço de um projeto.

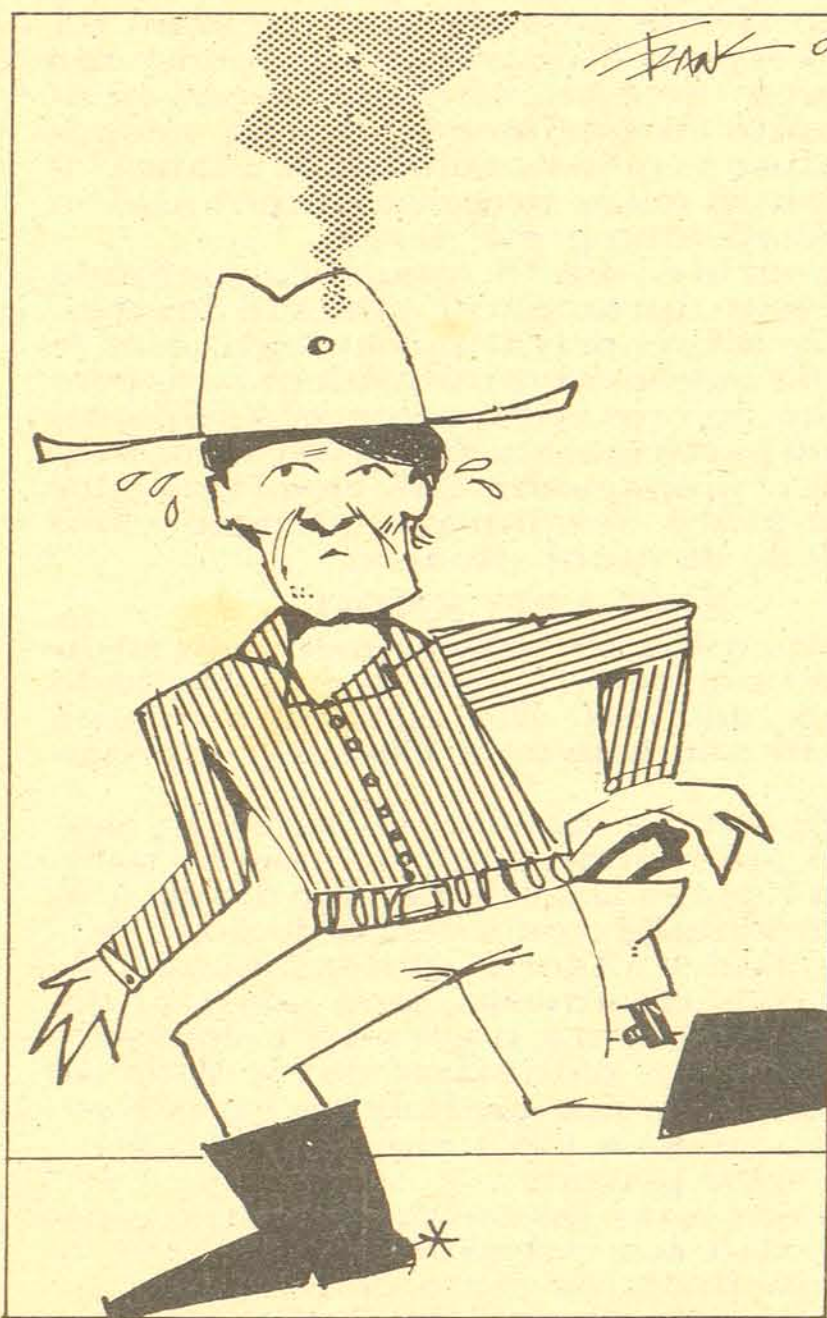
Sabemos que alguma medida deveria ser tomada, pois nos encontramos numa profunda crise moral, social e econômica, cujo preço, em termos de vida e sofrimentos humanos, está sendo maior do que o custo de muitas guerras e catástrofes para outros povos.

Muitas e boas razões existem para que formemos uma idéia de como será nosso país daqui há algum tempo. Talvez a mais importante esteja na necessidade de se tomar algumas medidas e avaliar quais serão os resultados da escolha que fizemos agora e como irá se refletir sobre a qualidade de vida individual e coletiva que vivemos.

Entretanto, a tomada de consciência do perigo eminente se torna o melhor antídoto contra a epidemia da omissão e a insensatez da irresponsabilidade. É dessa consciência que nasce, tanto a vontade social de pagar os custos das transformações, como a decisão de priorizar o que mais interessa para a população.

Se, em todo o processo de "reconstrução nacional", encontramos de um lado a vontade social de cumprir os sacrifícios necessários advindos dos custos das transformações, pelo outro precisamos ter a garantia de um futuro, onde moradia, alimentação, educação, saúde, etc., sejam entendidas e praticadas enquanto igualdade social. Futuro esse que poderá ser conquistado através de nossa competência e nossas lutas.

Magri e Mário Amato tentam jogar a CUT na ilegalidade



Empregados reclamam transporte para a sede

Em alguns locais da CELESC, os empregados tomaram a iniciativa de reclamar uma solução para o problema do transporte para a nova sede, no Itacorubi. A Empresa já declarou que não vai assumir a responsabilidade quanto a essa questão, mas está tentando viabilizar o transporte dos empregados junto as empresas que fazem a linha Centro-Itacorubi.

Todos devem ficar atentos, pois com outras mudanças de local, tais com a da Agência Blumenau, este problema pode surgir em muitos locais.

Lideranças confirmam CPI

No dia 5 de abril a Intersindical foi à Assembléia Legislativa solicitar às lideranças dos partidos políticos a imediata abertura de inquérito ou Auditoria Especial para apuração das irregularidades noticiadas pela Imprensa e esclarecer as causas dos débitos acumulados pela CELESC. A Intersindical conversou novamente com o governador e com o chefe da casa civil. Eles afirmaram que encaminhariam a questão para o Conselho Administrativo da CELESC.

O Ministro do Trabalho e ex-presidente da CGT, Antônio Rogério Magri e a Confederação Nacional da Indústria, através do empresário Mário Amato, tentaram dar um golpe na Central Única dos Trabalhadores — CUT e jogá-la para a ilegalidade.

A jogada foi armada a partir da Instrução Normativa nº 9 expedida por Magri que revogava ato anterior da antiga Ministra que legalizava todas as entidades criadas após a promulgação da Constituição, inclusive a CUT. Magri criou um dispositivo de impugnações às legalizações de entidades, prejudicando centenas de sindicatos.

Aproveitando a brecha, Mário Amato entrou com um pedido de impugnação do registro da CUT em nome da CNI, buscando o desmantelamento da Central.

A CUT, por sua vez entrou com ação junto ao Supremo Tribunal Federal arquiando a inconstitucionalidade do ato de Magri, uma vez

que seu efeito retroativo feria direitos adquiridos das entidades. Independente disso, a CUT está orientando outras entidades prejudicadas para que entrem com mandatos de segurança para garantir seus direitos.

Ainda na Justiça a CUT denunciou a incompetência da CNI para impugná-la, uma vez que não é parte interessada no assunto.

No final da história, o Diário Oficial do dia 23 acabou por divulgar uma lista de entidades reconhecidas pelo Ministério do Trabalho, constando nela a CUT. Mas muitos sindicatos ainda se debatem para assegurar os seus registros.

Disso tudo fica a revelação das intenções espúrias de Magri e Amato contra a CUT e o movimento sindical combativo. Menos mal que o golpe foi mal armado e não atingiu o alvo principal. Mas terá sido esta a última tentativa?

CELESC continua reduzindo despesas com empregados

As despesas da CELESC com pessoal caíram de 27,5% em 88 para 23,22% em 89. Em termos reais (descontada a inflação) a despesa com pessoal caiu de NCz\$ 748 milhões em 88, para NCz\$ 679 milhões em 89, uma queda de 10,3%.

Estes números, que mostram que a CELESC não investe no seu pessoal e arrocha salários, contrastam com outros bastante positivos que figuram em seus balanços, divulgados no jornal *Diário Catarinense* de 20 de abril de 90. A empresa teve no ano passado um lucro líquido (descontada a inflação) de 207 milhões, 3,78% a menos do que em 88.

A lucratividade caiu um pouco com relação ao ano anterior, conforme os números do balanço, em função do aumento das despesas operacionais, que foi maior do que o cres-

cimento da receita operacional e não operacional. Além disso, o Imposto de Renda deu uma boa investida no caixa da Empresa.

Em síntese, os números divulgados pela CELESC mostram que ela teve condições de contornar a crise tarifária e, sobretudo, que ela se beneficiou com o arrocho salarial do Plano Verão. A situação financeira da empresa se fortaleceu. Houve a redução do endividamento a longo prazo, utilizando-se para isso de endividamento a curto prazo, um procedimento administrativo lamentável, que instabiliza o caixa.

O que o balanço não consegue esconder é que os empregados da CELESC construíram o saldo positivo da Empresa, mas só ganharam arrocho salarial a despeito por parte da diretoria, que aliás utiliza estes números com intenções eleitorais.

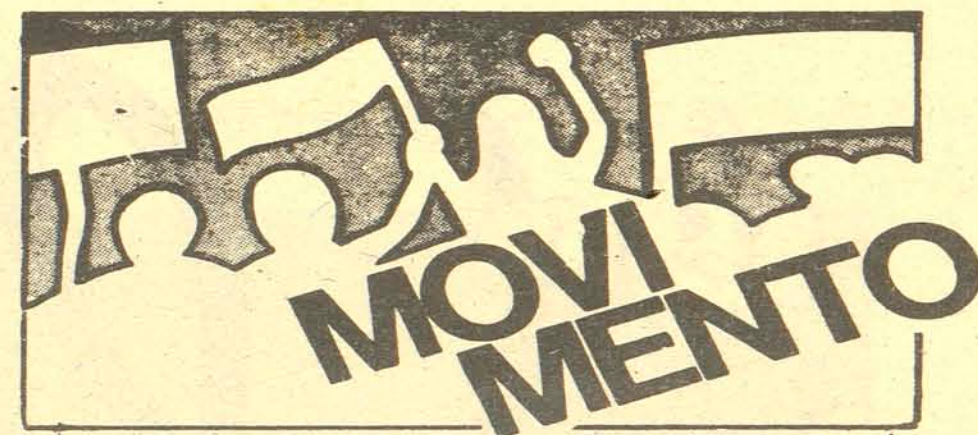
Nova diretoria discute estrutura e ação sindical

No dia 19, a nova diretoria do SINERGIA reuniu-se na sede do Sindicato para participar da primeira etapa de seminário sobre o Planejamento e a Administração sindical. As discussões orientadas pela assessoria do NEP — Núcleo de Estudos Populares 13 de Maio, de São Paulo, Maria Dolores, foram transferidas nos dias 20 e 21 para a sede dos empregados da Caixa Econômica Federal, em Jurerê. Lá, as discussões deram ênfase a questão de democracia na tomada de decisões da diretoria e da categoria. Também o tipo de relação que o sindicato deve manter com as demais entidades sindicais, movimentos populares e com o par-

lamento mereceu destaque.

Ao discutir o planejamento da entidade definiu-se uma política geral para o sindicato. Nessa política a integração dos departamentos — cultural, de formação, divulgação, de estudos econômicos, de saúde, jurídico e de administração e finanças, receberá atenção especial. Ao final de evento podia-se sentir que a experiência havia sido proveitosa para todos. Foi possível, através do seminário, estabelecer

referências e horizontes dentro do qual a diretoria que tomou posse no dia 25 desenvolverá seu mandato.



Funcionalismo

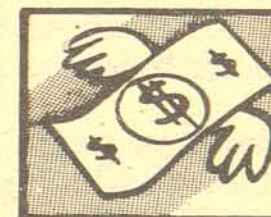
Os funcionários públicos de todo Estado paralisaram suas atividades no dia 24. Na pauta de reivindicações da categoria, entregue ao governador no dia 8 de fevereiro, constam a inflação de março, e o pagamento do incremento do ICMS — 30,8%. Cassildo Maldaner foi recentemente à Brasília, levando a dúvida sobre o pagamento ou não dos 30,8%. Até o fechamento desta edição sabia-se que os funcionários públicos realizariam assembleias por setor na manhã do dia 24 e às 15h30min apreciariam a proposta base, levada à assembleia geral no CIC.

Demissões

Ainda esse mês, os 2.500 mineiros de departamento de Criciúma e do Lavador de Capivari, em Tubarão, da Companhia Siderúrgica Nacional, poderão ser demitidos com a liquidação da filial da empresa no Estado. O argumento que tenta justificar as demissões é o déficit da filial. Só restou ao presidente do Sindicato dos Mineiros de Criciúma, José Paulo Serafim, viajar para Brasília, onde vai manter contato com o ministro das Minas e Energia e parlamentares para interferirem no processo de liquidação dos departamentos da CSN em Santa Catarina.

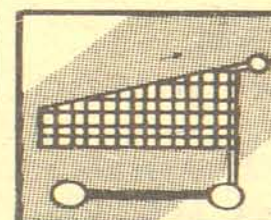
INDICADORES DO DIEESE

01/02 até 28/02



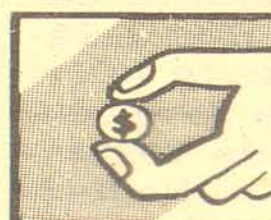
AUMENTO DO CUSTO DE VIDA POR FAIXA SALARIAL

1 a 3 Salários - 78,22
1 a 5 Salários - 75,74
1. a 30 Salários - 77,23



CESTA BÁSICA DE FLORIANÓPOLIS

- NCz\$ 1.439,76



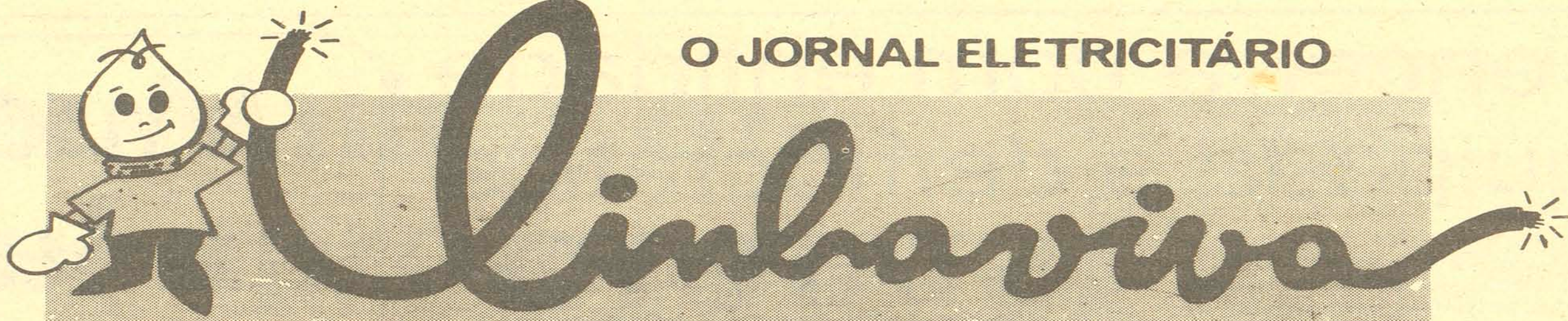
SALÁRIO MÍNIMO NECESSÁRIO

- NCz\$ 13.423,37

Edição comemorativa da posse da nova diretoria do SINERGIA-Fpolis.

FILIADO À CUT

O JORNAL ELETRICITÁRIO



Saiba como vai trabalhar a nova diretoria e conheça o seu programa de trabalho

JORN. RESP. DRT/RS 6166

Especial Abril de 90

"Se muito vale o já feito, mais vale o que será"

Eletrosul obrigada a pagar a URP

Servidores ameaçam cortar distribuição de energia elétrica

Eletricitários querem 140% de reajuste

Florianópolis - Os funcionários da Eletrosul (Centrais Elétricas do Santa Catarina, Para-ana, Rio de Janeiro e São Paulo) ameaçam cortar a distribuição de energia elétrica em Florianópolis a partir de amanhã, se não conseguirem um acordo com a empresa.

Florianópolis - A partir de amanhã, os empregados da Eletrosul (Centrais Elétricas do Santa Catarina) poderão se tornar acionistas da empresa, informou o diretor administrativo Roberto Bush. Lançado em agosto deste ano, o Programa de estímulo à participação dos funcionários no capital social da empresa vai beneficiar 1.400 funcionários filiados ao Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis.

Eletricitários podem fazer blecaute em SC

O congelamento dos salários dos funcionários públicos federais por dois meses, decretado dia 7 pelo governo, pode levar os servidores da Eletrosul a fazer um trabalho de mobilização junto aos funcionários da Celesc, para que estes participem do movimento unificado de greve.

Florianópolis - O juiz Synes Prestes Sobrinho, da 1ª Junta de Julgamento, concedeu o pagamento dessa dívida.

Dallanhol presta depoimento à PF

O ex-presidente regional do PFL, Dallanhol, prestou seu depoimento sem ser julgado no DIÁRIO CATARINENSE, sábado, 30 SETEMBRO DE 1989.

Servidor da Celesc decide greve hoje

Eletricitários pedem 10,1% de aumento para todos os níveis. Eletrosul: funcionários vão parar por dois dias.

Servidores da Eletrosul ganham liminar contra suspensão da URP

A liminar diz que a Eletrosul, a partir de hoje (ontem), tem cinco dias para cessar em folha de pagamento e nas 48 horas seguintes. Eletricitário quer nova decisão do TRT.

Eletricitários condenam privatização da Celesc

Florianópolis - O Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis declarou-se contra a abertura do capital pretendida pela Celesc, para o investimento de US\$ 150 milhões.

Gestão encerra com entidade mais equipada e democrática

A gestão que encerrou-se recentemente foi uma verdadeira gestão de transição. Muita coisa mudou em muitos sentidos, lançando o SINERGIA em uma nova perspectiva de ação, um sindicalismo mais atuante, mais moderno, independente e combativo.

No início da gestão, a realização de importantes mobilizações na CELESC e ELETROSUL indicavam o novo ritmo de atuação. A categoria assumiu definitivamente o seu papel, participando das decisões e traçando os rumos da luta.

A participação junto ao movimento sindical, acompanhando e apoiando as lutas de outras categorias, foi outra característica introduzida durante a gestão. A própria integração entre os eletricitários, através da Intersindical revela este novo traço. O SINERGIA atuou decisivamente para que a luta da categoria fosse unificada em todo o Estado, aumentando as potencialidades do movimento.

DENTRO DE CASA

As mudanças que aconteceram na maneira de conduzir a luta sindical, obrigatoriamente tiveram que se manifestar no interior da entidade. Não era mais possível conviver, por exemplo, com uma estrutura assistencialista que consumia a maior parte da receita. Por outro lado, era premente a necessidade de criar um dispositivo de comunicação com a categoria.

Assim foi criado o "Informativo" semanal que meses depois se tornaria o LINHA VIVA.

A categoria, por sua vez, deu uma grande demonstração de consciência ao afirmar que "sindicato é pra lutar" e determinar em assembléia o fim da estrutura assistencialista que estava transformando a entidade em uma espécie de apêndice do INAMPS. O custo de manutenção dos gabinetes médicos e odontológicos, além de outros auxílios, ameaçava a sobrevivência da entidade.

O fim do assistencialismo permitiu que fossem feitos investimentos na luta da categoria, através da solidificação do departamento de imprensa, da ampliação da assessoria jurídica, na aquisição de equipamentos (com-

Luta constante contra o autoritarismo da CELESC

Arquivo LINHA VIVA

A gestão que termina coincidiu de ponta a ponta com a "gestão participativa" na CELESC, capitaneada por Nogueira Wiest. Há pouco tempo da posse de Wiest, os empregados com uma greve, haviam conquistado o Plano de Carreira. A disposição de luta dos empregados, de um lado, e o autoritarismo instalado na Empresa, de outro, anunciavam que 1987 e os próximos anos seriam marcados por muitos confrontos.

O autoritarismo, a prepotência, o terrorismo marcaram a conduta da CELESC, que fez de tudo para desmobilizar a categoria. Demissões ilegais, ameaças, perseguições desafiaram as consciências dos eletricitários durante todo o tempo.

Inúmeras mobilizações



Maio de 87: greve

e greves foram as respostas da categoria. Foram lutas memoráveis, como a greve de maio de 87. Em vários momentos, como em maio de 89, a simples ameaça de greve fez com que a Empresa recuasse e apresentasse propostas razoáveis para os empregados.

IRREGULARIDADE

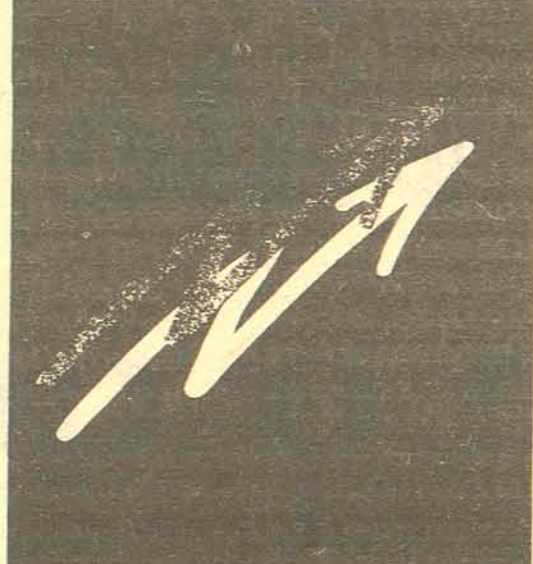
O SINERGIA, sabendo que a prepotência e o arbitrio são parceiros da má administração, marcou de cima a "gestão participativa" e acabou montando um dossiê sobre irregularidades na administração dos.

sem precedentes.

Logo adiante, em novembro/dezembro, a longa greve de 37 dias confrontou o espírito de luta da categoria com a intransigência absurda da diretoria da empresa. O movimento que iniciou em função da campanha salarial acabou defendendo o direito de greve previsto na Constituição, luta materializada na bandeira de nenhuma punição aos grevistas. Até greve de fome foi preciso fazer. Todos viveram momentos dramáticos.

Estes movimentos não se encerraram em si. Cada gesto posterior se soma a um processo que tem em sua essência a defesa das estatais, que estão mais ameaçadas do que nunca. Foram momentos em que todos aprenderam e ensinaram, momentos constitutivos de um futuro melhor que há de vir.

ESTATUTO SINERGIA-FLORIANÓPOLIS



SINDICATO COM LIBERDADE AUTONOMIA E DEMOCRACIA

putador, central telefônica, etc...) e na dinamização da estrutura.

O ponto alto de tais investimentos foi a aquisição da nova sede, que ainda deve receber algumas reformas para atender a demanda de espaço e organização da entidade.

MAIS DEMOCRACIA

As mudanças que se processaram durante os três anos de gestão foram materializadas, além da conquista da categoria, no novo estatuto aprovado já nos últimos meses de gestão e que passa a vigorar plenamente com a posse na nova diretoria. Não se trata apenas de um conjunto de regras frias. O novo estatuto rompe com o sindicalismo atrelado, apontando decididamente para um sindicato autônomo, livre e essencialmente democrático.

da CELESC que ainda tramita entre o Tribunal de Contas e a Assembléia Legislativa. A denúncia de favorecimentos políticos e apadrinhamentos na Empresa foi, e continuará sendo, uma prática da entidade.

Durante a gestão Wiest, o SINERGIA foi alvo de diversos ataques, sendo ameaçado de diversas formas, desde acusações mentirosas até a corte de liberação dos dirigentes. Nestas ocasiões, os eletricitários sempre responderam à altura, defendendo sua entidade e garantindo a continuidade da luta.

A diretoria da CELESC jogou duro contra o SINERGIA e jogou muita lama no nome da Empresa, mas não conseguiu jogar uma pedra sobre a consciência da categoria.

Muda a forma de trabalhar, mas a luta continua e se aprofunda

Sabe-se que grande parte dos componentes da diretoria que está assumindo o Sindicato participou da gestão que se encerra. Com base nisso, qual a avaliação que se faz do trabalho que foi feito até agora?

Margarida — Quando a gente assumiu na gestão passada, o nosso objetivo era dar uma nova dinâmica para o sindicato. Nossa preocupação era reorganizar o sindicato dando um novo enfoque para as lutas da categoria. Eu tenho certeza que o que a gente se propôs foi alcançado. Nossa categoria foi à luta várias vezes, sendo inclusive uma referência nacional. Hoje eu acho que não vai ser apenas uma continuidade, pois há muita gente nova na diretoria. Vamos ter que trabalhar a fundo a questão da formação política e sindical, que foi um aspecto que faltou, apesar de termos uma categoria que se mostrou combativa.

Se o trabalho atingiu o seu objetivo, qual foi a resposta da categoria? O que mudou durante este tempo?

Mauro — O tipo de organização do trabalho a que a Margarida se referiu mudou radicalmente a categoria. Um exemplo foi a criação das intersindicais, que é uma coisa muito presente na categoria. As pessoas falam que a Intersindical fez isso ou aquilo. Agora não há mais risco de ocorrerem lutas isoladas, ou mesmo de um sindicato negociar em separado, pois a categoria acompanha o desenvolvimento das coisas e repudia iniciativas deste tipo. Isso não tem outro nome a não ser consciência. E a gente fica satisfeito em saber que foi durante esta gestão que as intersindicais se consolidaram.

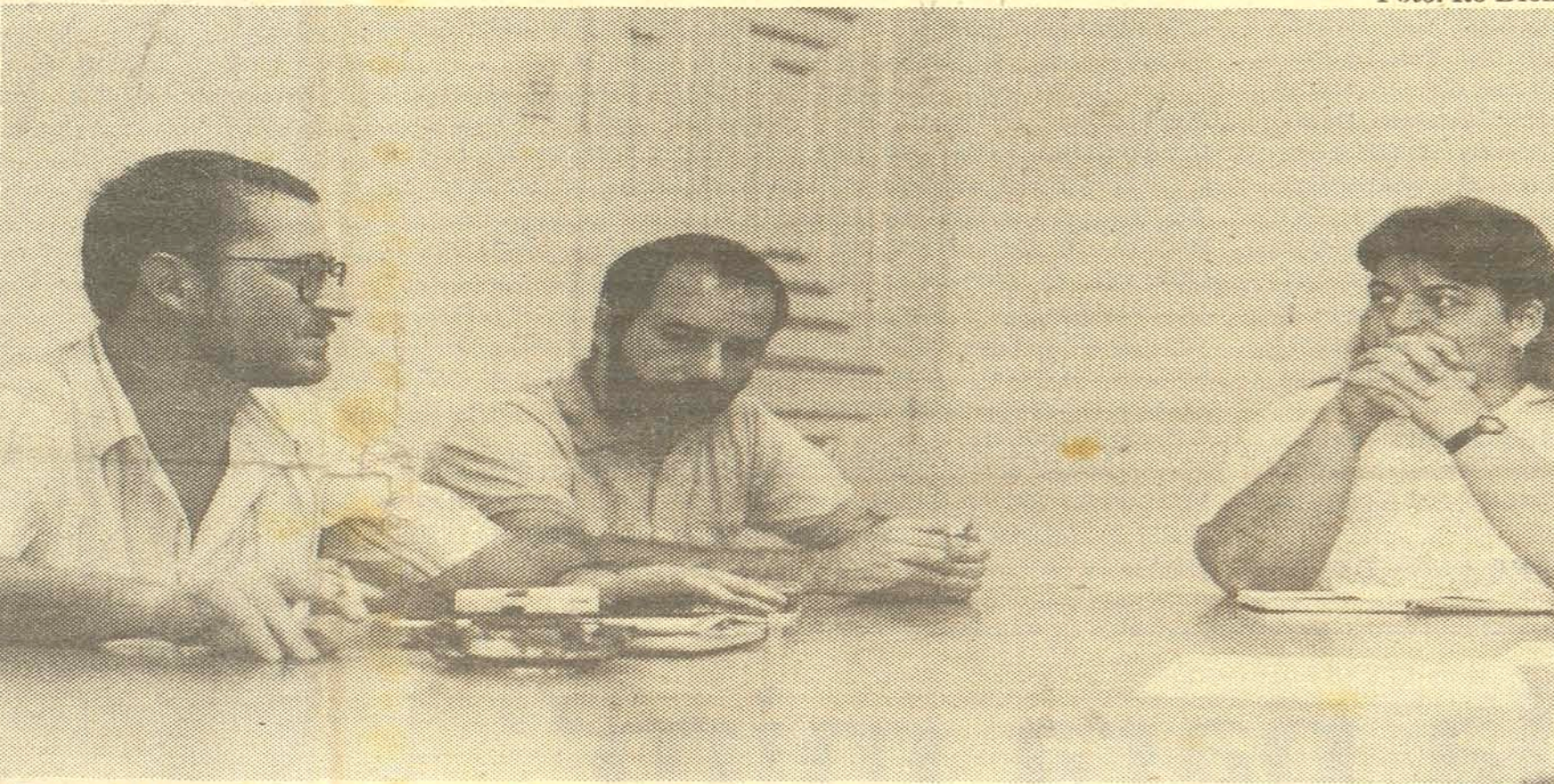
Arno — Eu não era da antiga diretoria, mas acho que devemos tocar em dois pontos. Um deles é um certo afastamento negativo entre a categoria e o sindicato. A gestão que passou ampliou muito os horizontes políticos da categoria, mas ainda há esse afastamento que considero ruim. A outra questão, muito positiva, foi o envolvimento, ainda que modesto, da categoria na elaboração do novo estatuto. É um estatuto dos mais modernos, que criou, por exemplo, um departamento de cultura, para quebrar aquela visão única de que sindicato é para lutar, não que sindicato vá deixar de lutar, mas vai se preocupar com outras coisas, não apenas com as relações trabalhistas, com salário.

Mauro — Sobre esta questão do afastamento eu gostaria de dizer que isso corre o risco de se tornar uma verdade absoluta sem que haja reflexão sobre os fatos. Não podemos discutir isso de forma superficial. Para mim isso não é bem assim, pois foram criados instrumentos de aproximação e ligação, como o jornal da entidade. Ele é um meio de comunicação do sindicato e que nos obriga a pelo menos semanalmente estar lá no meio da categoria distribuindo o material e discutindo várias questões. Este afastamento realmente existe, mas é uma coisa de duas mãos, não se trata de uma iniciativa da diretoria, e aí temos que pensar inclusive no que está acontecendo na cabeça das pessoas com o novo Governo.

Aproveitando a deixa, como o Movimento Sindical deverá enfrentar a nova conjuntura gerada pelo novo Governo?

Mauro — O Governo Collor gerou um clima de incerteza e medo que me parece muito bem tramado, e a gente tem que ter a lucidez de ficar fora desta paranoia, desta encenação. É incrível que haja gente que esteja com vergonha de ter um emprego e um salário, ao passo que isso é um

Dirigir uma das entidades sindicais mais importantes do Estado em uma conjuntura adversa para os trabalhadores. É esta a tarefa que aguarda a diretoria do SINERGIA que assumiu no último dia 24. Sobre este desafio, alguns membros da diretoria executiva falaram nesta entrevista. Mauro Passos (presidente), Arno Cugnier (sec. geral) e Margarida Dantas (sec. de formação sindical) falaram de como a diretoria vai trabalhar, do trabalho que foi feito até agora e de suas expectativas para a gestão.



Arno, Mauro e Margarida

dever do Estado. Tem gente com sentimento de culpa, intimidado, pelo fato de ter um salário digno, ter um salário conquistado em anos de luta passa a ser motivo de vergonha. Então há uma retração dos companheiros quando a gente os procura e chama para a luta. Vejo que isso está acontecendo mais na ELETROSUL do que na CELESC, mas tem gente encurculada por ganhar anuênio. Enquanto perdurar isso, seja qual for a diretoria, ela não vai se encontrar com a categoria nunca.

Arno — Eu acho que existe isso aí, mas também existe uma consciência de que isso é uma contingência da conjuntura, eu acredito que a maior parte ainda tem a consciência de que se deve lutar por melhores salários, etc... E isso tudo tem a ver com as duas concepções mais fortes do Movimento Sindical: o sindicalismo de resultados, mais preocupado com as questões econômicas, e a concepção de que o Movimento é de cidadãos em luta por seus direitos no movimento popular, nos sindicatos, sempre de maneira politizada. Ao colocar um Ministro do Trabalho que sempre foi o representante da visão mais atrasada as diferenças se agravaram. O pacote colocou todas as pessoas em uma certa inércia, inclusive a classe trabalhadora, que está preocupada em garantir o seu emprego. Ao ver esta situação e não conseguir vislumbrar os aspectos mais globais desta situação é que surge esta certa vergonha, que é resultado da deficiência do sindicalismo combativo no que se refere à formação política. Mas a maioria está aí, sentindo que podem haver mudanças drásticas na sua vida. O grande

perigo é que junto com esta desmobilização o Governo aposta em uma campanha de desestabilização do Parlamento, e poderemos ter um ditador daqui algum tempo, e o movimento sindical combativo vai ter que estar envolvido nesta discussão.

Considerando-se esta conjuntura complexa, como uma diretoria que assume agora deverá proceder?

Margarida — Na gestão passada a gente deu uma importância grande para a filiação à CUT e à estruturação das intersindicais, percebendo que não prosperaria nenhuma luta isolada, e mesmo à formação da articulação nacional dos eletricitários. Agora a gente vai ter que se empenhar em fortalecer estas estruturas para que possamos avançar.

Mauro — Teremos que ser críticos ao extremo. Hoje começam a discutir até redução de salários. Se hoje apenas 20% do PIB era de massa salarial, certamente vai haver uma redução disso. Há um retrocesso quando as pessoas começam a admitir novamente que os salários são inflacionários, coisa que já havia sido banida de qualquer discurso. E a gente sabe que os salários mais baixos da história ocorreram em momentos de inflação alta. Depois disso concordar em reduzir salário para combater a inflação é demais. Nossas discussões vão ter que dar um salto para sair da defensiva e mostrar que salário não gera inflação e que deveremos lutar para recuperar salários. Nosso salário mínimo é o mais baixo da história e do mundo e estamos caindo na conversa deles.

Em termos de funcionamento da entidade, o que a nova diretoria apre-

senta de novo? Já houve até um seminário de planejamento...

Arno — As alterações estavam implícitas no novo estatuto. O texto assegura um patamar mínimo bastante elevado. O planejamento por departamentos faz a entidade em si avançar, para que possamos dar demonstração de competência. Teremos que ser ágeis para nos contrapormos ao próprio projeto de governo que está sendo implementado. A nova estrutura vai ter que permitir que nos capacitemos para empreitadas maiores, não apenas campanhas salariais, mas mobilizações em defesa da democracia política, que está ameaçada no país. Teremos que buscar o senso crítico das pessoas, nosso planejamento de trabalho deve caminhar neste sentido.

Margarida — A importância deste planejamento que foi feito, e que está sendo divulgado neste jornal, cresce se considerarmos o conjunto que estamos vivendo. Geralmente a gente fica correndo atrás dos prejuízos e a planificação nos permite perceber que departamentos que não trazem respostas imediatas são importantes para armar a categoria para se opor politicamente ao sistema que nos oprime. É o caso do departamento de formação sindical.

Mauro — Se a gente não tivesse se organizado, naturalmente a gente estaria envolvido nas questões imediatas de perdas, etc. e questões de médio e longo prazo seriam esquecidas. No seminário a gente mostrou que sabe se organizar para levar estas coisas juntas e obter resultados mais completos. O novo estatuto é que nos deu a possibilidade de fazer este planejamento.

O que a categoria pode esperar da diretoria que está assumindo?

Arno — A categoria pode esperar tudo e pouco ao mesmo tempo. Tudo no sentido do esforço para levar as lutas e pouco enquanto houver a distância — de parte a parte — entre o sindicato e a categoria. Enquanto sindicalista eu também sou categoria e não quero ficar isolado, pois prefiro errar com todos do que aceitar sozinho. Muitas vezes a categoria cobra a presença, mas não marca a sua presença. A nossa coletividade terá que se harmonizar, romper esta distância que é de mão dupla. Não poderá haver omissão em nenhum lado.

Margarida — A categoria não deve ver na gestão um continuísmo, mas uma continuidade. Com o novo estatuto, com um planejamento feito muita coisa vai ser diferente. Não é por sermos em grande número membros da outra gestão, ou mesmo por não ter havido chapa de oposição, que as coisas serão iguais. A gente pretende dar um salto de qualidade, fazer o trabalho a partir de um outro enfoque.

Mauro — Houve uma profunda renovação, se não nas pessoas, nos procedimentos, na forma de trabalhar. Mas esta pergunta deveria ter mão dupla: o que a gente espera da categoria? A eleição sem oposição representa um aval ao trabalho, mas isso não é tudo. Enquanto sindicalistas, a gente já teve momentos mais seguros com relação à resposta do coletivo, do respaldo. Na CELESC a repressão dificultou a participação, houve um recuo que não dá para esconder. Na ELETROSUL, há insegurança com relação à possibilidade de extinção da empresa, etc... A gente espera da categoria respostas fortes quase imediatas como vimos em tantos momentos. Nós temos a vontade de acertar sempre, mas para acertar precisamos da força de cada companheiro, da disposição de luta de cada um.

Esta é a nova diretoria

DIRETORIA (EFETIVOS)
Mauro Guimarães Passos — Presidente
Arno Veiga Cugnier — Secretário Geral
João Paulo de Souza — Finanças e Administração
Delman Sérgio Ferreira — Estudos Sociais Econômicos
Orivaldo Fernandes — Assessoria Jurídica
Glauco Carvalho Marques — Divulgação
Dinovaldo Gilioli — Cultura
Maria Margarida Dantas — Formação Sindical
Sovenir Márcio Dias — Segurança e Saúde de Trabalho

DIRETORIA (SUPLENTES)

Fábio Pedro Dal Bó
Cláudio Antônio Ehrensperger
Juventino Vieira
Soraya Nör Güttler
Rosimeri Siqueira
Sandra Maria Ouriques
João Santana Filho
Oquigibson Jesuino da Costa
Luiz Antônio Machado Maciel Dani

CONSELHO FISCAL (EFETIVOS)

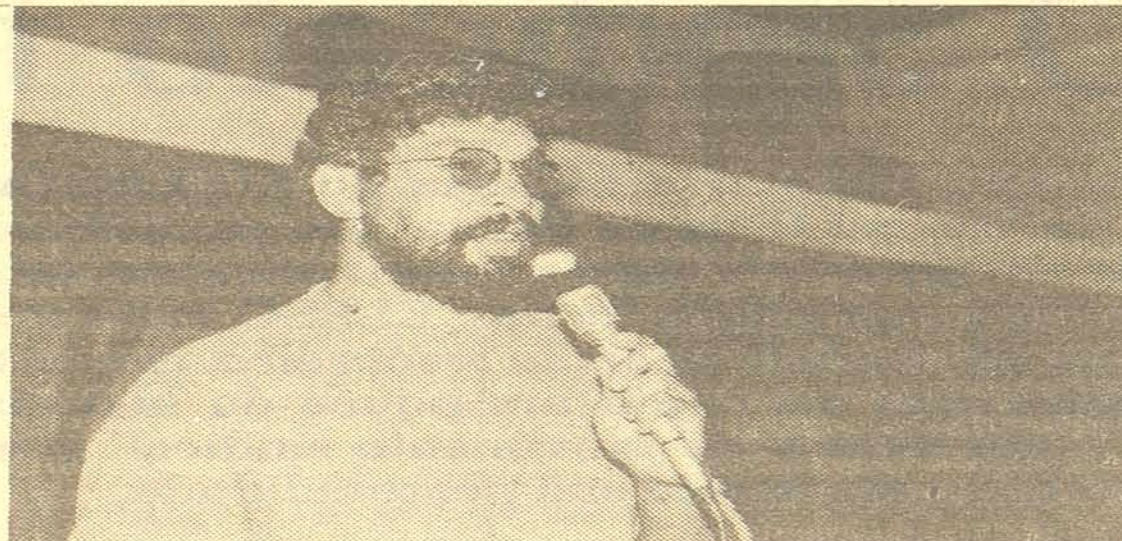
Clênio José Braganholo
Hélio Bonfim Coimbra
Peri Ouriques
Levi Flores da Silva
Edio Valentim da Silva

CONSELHO FISCAL (SUPLENTES)

Rogério Denir Antunes
Sadi Rogério Faustino
Arnoldo Gomes Filho
Noé Rodrigues de Almeida
Aldo Brito Filho

Planos de trabalho

Durante o Seminário de Planejamento e Administração Sindical a nova diretoria do Sinergia discutiu as bases para a elaboração dos programas de trabalho e objetivos de cada departamento. Com esses dados a categoria pode ter uma idéia do que será feito nos próximos três anos.



Delman será o coordenador do Departamento de estudos sócio-econômicos

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS SÓCIO ECONÔMICOS

Objetivo: Realizar um perfil sócio-econômico da categoria; coordenar, em conjunto com a Intersindical e o Comando Nacional, as principais campanhas; integrar o departamento com Universidades, Institutos e áreas afins de outros sindicatos e da CUT.

Plano de Trabalho: Definir uma política de reajustes que impeça perdas salariais nas Campanhas Extraordinárias da Celesc e Eletrosul;

— Tendo como base as experiências anteriores, procurar corrigir os erros e cobrir as deficiências nas Campanhas das datas-base;

— Campanha em Defesa das Estatais: o departamento entende que os trabalhadores devem entrar em qualquer combate ou negociação com os argumentos muito bem elaborados. Para tanto, deve-se discutir um modelo para o setor elétrico que esteja inserido num modelo de desenvolvimento que, mesmo levando em conta que somos um país capitalista, do terceiro mundo e dependente, tenha como preocupação maior a conquista de um desenvolvimento social que atenda as necessidades de crescimento do país, tendo como prioridade o desenvolvimento do homem e que aponte o Brasil do século XXI.

Departamento de Cultura

Objetivos: Promover um maior intercâmbio entre os empregados da ELETROSUL, CELESC e a comunidade; melhorar, ainda mais, a imagem do Sindicato; despertar e estimular a atividade artística; ser um agente da ampliação da consciência individual e coletiva; humanizar mais a atividade sindical; abrir a possibilidade da descoberta de outros valores, não limitados às questões financeiras; possibilitar um maior entrosamento da diretoria, dos dirigentes sindicais e da categoria como um todo, fora dos momentos de crise e do acordo coletivo; integrar-se a luta de outras entidades representativas da sociedade (conselhos comunitários, associações, sindicatos, etc...); criar fatos que motivem a divulgação do Sindicato na Imprensa.

Plano de Trabalho: Levantamento da memória do Sindicato;

— Promover eventos culturais que envolvam um maior número possível de atividades artísticas, (arte plástica, literatura, música, dança, artesanato, fotografia e cine-vídeo) voltados também para as crianças;

— Edição de uma revista ou jornal cultural;

— Promoção de cursos, seminários, debates e outros eventos em consonância com a diretoria de formação sindical e de divulgação;

— Criação de um grupo para estudo da viabilização de projetos culturais.

Departamento de Saúde e Segurança do Trabalhador

Objetivo: Mostrar um Sindicato combativo, comprometido com a luta dos trabalhadores em geral, tendo como compromisso detectar as causas reais das doenças que afetam os trabalhadores, mostrando a relação desta com o processo de trabalho específico de cada categoria. Para tanto o departamento deve efetuar levantamentos sobre as principais doenças e problemas de segurança do trabalho da categoria.

Plano de Trabalho: Participar de cursos de especialização;

— Através de Linha Viva divulgar tra-

balhos sobre segurança e saúde no Trabalho, promover debates, palestras, curso CIPA, etc...

— Incluir nas pautas, reivindicações exclusivas sobre saúde e segurança do trabalhador;

— Implantar à nível regional o Departamento Intersindical de estudos da Saúde do Trabalhador e criar a Comissão de Saúde e Segurança do Trabalhador no Sindicato;

— Construir uma CIPA totalmente eleita pelo trabalhador, participar das suas reuniões a fim de eliminar a visão patronal da mesma, fazendo desta um real instrumento de prevenção;

— Contratar um profissional da área (médico ou técnico);

— Fiscalizar o cumprimento dos requisitos de segurança e condições de trabalho, que garantam a saúde do trabalhador.

Departamento de Divulgação

Objetivo: Ampliar a estrutura material e a amplitude do trabalho, procurando avançar para debater, através da imprensa sindical, questões mais abrangentes, tais como comportamento.

Plano de Trabalho: Ampliar o Linha Viva, alterando seu projeto gráfico e editorial;

— Criar uma revista para a entidade que permita discutir mais profundamente, questões de interesse geral e específica da categoria;

— Otimizar a relação com a grande imprensa, buscando uma maior presença da entidade;

— Adquirir os equipamentos necessários a autonomia na elaboração do material gráfico.

Departamento de Formação Sindical

Objetivos: Propiciar condições para que os trabalhadores reflitam sobre a sua realidade concreta e se reconheçam como agentes possuidores de um saber acumulado através de sua vivência cotidiana; adquirir uma visão de totalidade da sociedade a partir da experiência dos trabalhadores; trocar sistematicamente informações e experiências entre trabalhadores

de base de uma mesma categoria ou categorias diversas; permitir um intercâmbio de aprendizado entre os profissionais da educação sindical e os trabalhadores dirigentes; fortalecer a divulgação de informações úteis para que os trabalhadores percebam a importância da ação coletiva e de seus instrumentos de organização e luta; estimular o trabalhador a pensar e agir coletivamente com vista a desenvolver um processo organizativo por local de trabalho, por empresa, à nível da classe como um todo da própria sociedade; incentivar a participação na vida sindical e contribuir para um maior entrosamento entre a direção sindical e as bases; incentivar a prática da democracia em todos os níveis, dentro e fora do sindicato.

Plano de Trabalho: Fazer um trabalho integrado com os departamentos de cultura e divulgação e com os sindicatos combativos da região;

— Discutir com outras entidades e, se possível, viabilizar um pool para compra e utilização de equipamentos (Ex: televisão, vídeo, filmadora, aparelho de slides.

— Propiciar à categoria, militantes, diretores e empregados do sindicato, formação planejada, através de seminários, cursos, debates, etc...

Departamento Jurídico

Objetivos: Prestar assessoria à diretoria e respectiva categoria, no que diz respeito às questões jurídicas que envolvem a relação entre as empresas e seus empregados, notadamente nas negociações coletivas de trabalho, instauração de dissídios coletivos, ajuizamento de reclamações individuais e coletivas de empregados, participação em assembleias para discussão de pautas e/ou encaminhamentos de lutas bem como prestar atendimento a todos os trabalhadores que se dirigem ao sindicato para homologar rescisões contratuais, dirimir dúvidas, tomar informações, solucionar problemas decorrentes do vínculo de emprego e/ou ajuizar reclamações na Justiça do Trabalho.

Plano de Trabalho:

— Reestruturação do departamento, objetivando maior agilização nos trabalhos e maior rapidez possível no ajuizamento das reclamações;

— Ampliação da biblioteca com mate-

rial atualizado, bem como a realização de cursos para os seus integrantes, o que acarretará numa maior instrumentalização teórica e um melhor e mais eficaz atendimento às necessidades da categoria;

— Informar, através do Linha Viva, toda a tramitação dos processos coletivos ajuizados fazendo com que todos os trabalhadores tenham acesso mais rápido e mais atualizado sobre as diversas fases processuais em que determinados processos se encontram;

— Informatização do departamento, criando-se arquivo de jurisprudência, alteração das leis, memória do departamento e inclusão de dados que fornecerão subsídios para o desenvolvimento de um trabalho sempre mais preciso, conseqüente, atualizado e ágil.

Departamento Administrativo e Financeiro

Objetivo: Elaborar um planejamento financeiro para curto e longo prazo. Executar o planejamento e o controle financeiro da entidade.

Plano de Trabalho:

Inicialmente adequar o perfil dos gastos gerais e despesas de investimentos ao contexto de inflação baixa, fazendo com que esses gastos sejam cobertos com as receitas correntes (mensalidades);

— Discutir em diretoria um Plano de Trabalho que determine a dotação orçamentária, dentro da qual cada Departamento do Sindicato deverá operar;

— Realizar uma previsão orçamentária mensal, trimestral e anual que deverá respaldar uma definição das prioridades de investimentos e modernização do Sindicato, avaliadas com frequência nas reuniões de diretoria e do Conselho Deliberativo. A meta é equipar os diversos departamentos, de modo a possibilitar uma resposta mais eficiente às demandas político-sindicais por parte do Sindicato e assim atender aos anseios e reivindicações da categoria;

— Discutir politicamente com a Intersindical para sustentar, carrear recursos com o objetivo de melhorar a estrutura para a condução das lutas da categoria.

"O Sindicato foi uma escola para mim"

Foto: Ro Biom

Não há como contar a história do SINERGIA sem mencionar o nome de Warnel Cruz de Souza. Ele participou da fundação da entidade e sempre teve uma postura ativa nas lutas travadas pelos eletricitários, especialmente na CELESC. Hoje, após encerrar a gestão em que ele trabalhou como tesoureiro, ele deixa o sindicalismo. Nesta entrevista ele conta um pouco da história do Sindicato e analisa a atualidade do movimento sindical. Sempre com o traço polêmico que caracteriza sua personalidade.

Foram quantos anos de Sindicato?

Warnel — Eu entrei na entidade em 63. Em 64, inclusive, quando houve o golpe, eu estava lá e vi quando os caras entraram com metralhadoras e levaram o presidente preso. Na época era o Beni Rodrigues Machado que presidia. Mas a história começa mesmo em 60, quando foi criada a associação, que em 61 transformou-se em sindicato. Então eu estive na diretoria de 63 a 69. Depois estive em outra gestão de 72 a 74 e saí novamente por uma gestão, para depois retornar como presidente por duas vezes.

Mas quando não era diretor sempre acompanhou o trabalho?

Warnel — Eu sempre acompanhei as coisas, pois a categoria esteve sempre comigo, então eu sempre estava por dentro do que acontecia.

E o que mudou no sindicalismo durante esse tempo?

Warnel — Eu sinto uma transformação tremenda. Antigamente o pessoal tinha mais consciência político-sindical. Antes os sindicatos tinham as categorias na mão e hoje não há mais aquela resposta que se tinha antes. Na Celesc, por exemplo, só o pessoal da Agência Florianópolis fazia parte do sindicato com mais alguns da central, mas

quando havia qualquer movimento todo mundo pegava junto. A gente ia para uma assembleia, discutia e sabia que se tivesse que haver qualquer movimento se podia contar com a consciência do pessoal. Naquela época fizemos até algumas grevesinhas.

Foi importante para o sindicato a participação dos empregados da ELETROSUL?

Warnel — Disso eu não tenho dúvida. Quanto mais gente tiver na base é melhor. Mas havia uma corrente dentro da CELESC que era contra, e eu fui um batalhador para que viessem. Na verdade o pessoal da ELETROSUL já podiam se filiar, mas não sabia disso. Foi aí que a gente fez uma discussão com o pessoal da APROSUL e acabou trazendo o pessoal para se filiar.

E qual seria a causa desta diminuição da consciência?

Warnel — Eu estou sentindo que há uma distância entre a diretoria da entidade e a categoria. A gente sai e distribui o jornal mas não faz aquelas discussões para sentir os problemas de base, não há aquele diálogo. Em diretorias que eram apenas 3 liberados a gente conseguia manter este contato que não se vê hoje.

Mas esta falta de consciência é só nos

eletricitários ou é geral no movimento sindical?

Warnel — É de todo o sindicalismo. Hoje os sindicatos estão mais voltados para dentro das entidades e não para a base. Antes só o que a gente fazia era discutir com a base e assim todos os empregados estavam sempre por dentro do que estava acontecendo. Neste meio tempo ocorreu a criação da CUT e da CGT. O que isso determinou no movimento?

Warnel — Para mim este é um detalhe importante. Por que eu sou contra a CGT e a CUT? É porque eu acho que é outra cúpula. O movimento cresceu pro lado das cúpulas. Já existem as federações e as confederações, daí cria mais CUT e CGT. Isso é divisionismo. É cúpula demais e os empregados não ficam sabendo o que acontece, e as diretorias ficam voltadas para dentro de si. Antigamente, era contato direto do sindicato com os trabalhadores e hoje não. Eu vi em São Paulo que lá quem faz todas as discussões são as tais comissões de fábrica e o sindicato só aparece na hora de assinar o acordo. Isso tá errado, é um absurdo. É o afastamento da entidade de classe dos seus representados.

O que deve ser feito para se inverter esta situação e recuperar o nível de consciência?

Warnel — As diretorias tem que estar junto da base, discutindo com os empregados.

O SINERGIA está se movimentando neste sentido?

Warnel — Eu não estou vendo. Nosso sindicato está errando tanto quanto os demais. Não adianta distribuir o jornal e não discutir com a base. Hoje existem sete diretores liberados. Se colocarmos três destes só para passar os dias percorrendo a base e dialogando,



Warnel, um exemplo

a coisa iria mudar. Isso é o que está faltando. **O que foi possível aprender nestes anos de sindicato?**

Warnel — O sindicato para mim foi uma escola. A vida da gente é uma sequência e a gente olha para ela e pergunta como é que a gente pode crescer. Crescer no sentido de discutir à altura com qualquer pessoa. Aí eu digo que o dia-a-dia sindical me deu um quilo de experiências, sempre buscando as formas de estar próximo da categoria. É só assim que se forma um líder, e eu sei que nesses anos todos eu fui uma liderança. **Afinal, o que te levou a resolver deixar o sindicato e "pendurar a chuteira"?**

Warnel — Eu estou saindo por fatos exclusivamente particulares. Tenho 28 anos de empresa e um saláriozinho deste tamanho e nunca pude resolver os meus problemas com a empresa. Quando a gente entra na entidade a gente só trabalha a nível de grupo e não pode se individualizar. Seria um problema de ética eu como sindicalista ir discutir meu problema individual.